



MAPAS E MEMES: PRODUÇÕES E LEITURAS

Lucas Nigro Zamur¹
Ismail Barra Nova de Melo²

RESUMO

Os mapas com o advento da internet e outras tecnologias se tornaram muito mais dinâmicos e com diferentes objetivos e, principalmente, colaborativos no mundo da cibercultura. O presente trabalho se baseia numa percepção da cartografia que expande os conceitos acadêmicos do mapear. Tem como objetivo promover o debate acerca de uma das diferentes formas pelas quais o mapa se apresenta ao indivíduo na contemporaneidade: o *meme*. Para tanto, utilizamos de revisão bibliográfica de autores da cartografia e de pesquisa documental realizada no fórum *Reddit*, site que apresenta múltiplas comunidades que abrangem os mais variados assuntos, dentre eles a cartografia. A partir disso, elaboramos uma discussão sobre a cartografia como discurso e sua democratização na internet, de modo a aproximar a ciência dos usos cotidianos e informais dos mapas.

Palavras-chave: Mapas; Meme; Cartografia Crítica; Cartografia Pluralista; Democratização da Cartografia.

ABSTRACT

With the advent of the internet and other technologies, maps have become much more dynamic, with different goals and, mainly, collaborative in the world of cyberculture. The present work is based on a perception of cartography that expands the academic concepts of mapping. Its objective is to promote the debate about one of the different ways in which the map presents itself to the individual in the contemporaneity: the meme. For this, we use a bibliographic review of authors of cartography and documentary research made it on the *Reddit* forum, a site that presents multiple communities that cover the most varied subjects, among them cartography. From this, we elaborate a discussion about cartography as a discourse and its democratization on the internet, in order to bring science closer to the everyday and informal uses of maps.

Keywords: Maps; Meme; Critical Cartography; Pluralist Cartography; Democratization of Cartography.

¹ Graduado do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, lucasnigrozamur@gmail.com;

² Doutor pelo curso de Geografia da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” –UNESP, ismail@ufscar.br



INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o “mapear”, tratado como prática não exclusiva aos meios acadêmicos, mas sim disseminada pela internet e realizada por seus usuários, portanto seguindo as dinâmicas próprias desse meio. Baseamos-nos na perspectiva de uma “cartografia pluralista”, que “[...] expande o conceito de mapa para além dos aspectos euclidianos” (MELO, 2018, p.270), para assim compreender o mapa em suas diversas camadas: como objeto técnico e histórico, como linguagem, como arte, como discurso, como instrumento de poder e também de emancipação. Levaremos em conta os avanços tecnológicos da cartografia, e por consequência à sua maior democratização, para assim analisar a presença de mapas em comunidades / fóruns da internet a partir de uma cultura altamente imagética própria desses meios: a produção e compartilhamento de *memes*.

Na concepção de Harley (1989), o mapa se torna objeto de crítica a partir de sua percepção como narrativa sustentada por um falso senso de neutralidade científica, pois é uma narrativa criada a partir da visão do mundo do mapeador, sujeito com interesses próprios ou a serviço de terceiros. Os mapas aqui tratados demonstram justamente a presença dessas narrativas, muitas vezes em detrimento de conceitos como escalas, legendas ou mesmo qualquer compromisso com a realidade dos fatos, explicitando o papel comunicador do mapa como discurso.

Perkins (2008, p.151) afirma “quase todo uso de mapas não foi pesquisado e está além da ciência”. Assim ambientes não acadêmicos existem como uma possibilidade de criação de novos conteúdos cartográficos: mapas e imagens disseminados na forma de conteúdo e memes na internet que revelam discursos para com o espaço cumprindo sua função comunicadora ao utilizar, distorcer e subverter, de formas criativas, muitas das convenções cartográficas. Portanto, é necessário que a ciência geográfica se aproxime dessa produção e do uso do mapa em suas mais diversas formas.

Este trabalho objetiva: reconhecer outras cartografias que não a tradicional; perceber a legitimidade dessas novas cartografias como forma de ver, expressar e comunicar o mundo e traçar uma discussão fundamentada, que sirva de base para o



entendimento dessas obras no contexto cartográfico, levando em conta conceitos como o discurso e a subjetividade no mapear.

METODOLOGIA

Utilizamos como metodologia de trabalho a pesquisa documental, ao analisar comunidades virtuais cuja temática central é a criação, compartilhamento e discussão de mapas dentro do fórum *Reddit*. Mapas criados fora do meio acadêmico por usuários sem necessariamente o rigor científico, com os mais variados temas, técnicas e propostas, que geram diferentes relações de produção, e traz outras percepções do indivíduo para com o espaço.

O uso da pesquisa documental, é justificado, pois amplia o entendimento de objetos que necessitam de contexto, social e histórico, ela "permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social" (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 2). A escolha do *Reddit* como local de pesquisa se dá pela facilidade de acesso, volume de informações e a enorme gama de *subreddits*, comunidades dedicadas assuntos específicos, dentre eles a geografia e a cartografia. Os mapas aqui coletados advêm principalmente de duas dessas comunidades: *r/MapPorn*, uma comunidade onde o foco é a criação e compartilhamento de mapas, e *r/MapPornCircleJerk*, que surge inicialmente como uma paródia da primeira, mas justamente por ter um aspecto de paródia, voltado ao humor, é nela que encontramos alguns dos exemplos mais extremos da subversão das normas cartográficas.

A partir da seleção dos documentos, como segunda metodologia, realizamos uma revisão bibliográfica acerca do tema. Para, a partir desse referencial teórico, traçarmos reflexões sobre as diferentes formas de mapear, a democratização da cartografia e a criação de conteúdos cartográficos horizontais.



REFERENCIAL TEÓRICO

No contexto da Geografia Crítica é que Harley (1989) em *Deconstructing the Map* busca investigar as forças sociais por de trás da estrutura da cartografia e a presença do poder nos conhecimentos sobre mapas. Ao expor as “regras ocultas” da cartografia, como a “regra da etnocentridade”, a hierarquização dos espaços e a sistematização das desigualdades é que Harley desconstrói as narrativas e explicita o mapa como discurso para com o espaço, como retórica, e aponta para a subjetividade humana por de trás de todos os processos ao se fazer um mapa: “seleção, omissão, simplificação, classificação, criação de hierarquias, “simbolização” - são todos inerentemente retóricos” (HARLEY, 1989, p. 10)

A cartografia crítica “admite que os mapas produzem a realidade tanto quanto a representam” (CRAMPTON e KRYGIER, 2008, p. 89). Para essa cartografia não é mais suficiente buscar a melhor representação do espaço possível, mas é necessário entender também o poder dos mapas na construção da materialidade do espaço e na subjetividade e identidade do ser. Crampton e Krygier ainda afirmam que Harley “situou os mapas como documentos sociológicos que precisavam ser entendidos em seus contextos históricos” (CRAMPTON e KRYGIER, 2008, p. 90). Como então pensar criticamente o mapa na pluralidade de formas em que se apresenta no contexto histórico atual?

Outro eixo a ser trabalhado é o mapa como prática artística, nesse sentido Wood (2006) ressalta o caráter ubíquo dos mapas nos dias de hoje, investiga o poder dos simbolismos e como artistas passam a se apropriar disso para construir novos mundos, Nas palavras do autor: apontando “[...] em direção a existência de outros mundos — reais ou imaginários — artistas mapeadores estão reivindicando o poder do mapa para alcançar fins outros que a reprodução social do *status quo*.” (WOOD, 2006, p. 10)³.

³ Tradução própria, segue o texto original: “In pointing towards the existence of other worlds – real or imagined – map artists are claiming the power of the map to achieve ends other than the social reproduction of the status quo.”



Compreender o mapa também como arte é um importante passo para a exploração de novas técnicas, que se revelam como possibilidade nos meios virtuais.

O potencial de se construir novos mundos a partir dos mapas já havia sido descrito por Pickles (2004) apud Do Canto (2014) quando este propõe o termo *counter mapping*, traduzido por contra mapeamento, ou seja, mapas que fogem dos padrões de percepção do mundo, mapas diferentes dos que conhecemos; para a autora, “Na contemporaneidade, aceitar os *counter mappings* como mapas legítimos significa desprofissionalizar a cartografia e incluir cada vez mais em nossas pesquisas mapeamentos produzidos por artistas, internautas, crianças, estudantes, professores” (DO CANTO, 2014, p. 30). Ou seja, a democratização da cartografia, passa pela integração dessas diferentes formas de se mapear.

Pensando tanto na democratização da cartografia, quanto na aceitação de diferentes formas de se mapear, é que Perkins (2008) em *Cultures of Map Use*, busca identificar nos usos cotidianos dos mapas pelas pessoas comuns, estudos de caso que mostrem o valor das abordagens culturais nas relações cognitivas entre as pessoas e os mapas, concluí que “Usos críticos, estéticos e sociais do mapeamento no empenho artístico revelam a subjetividade e qualidades pessoais emotivas e possibilidades de usar o mapa para além da ciência.”⁴ (PERKINS, 2008, p. 158). Junto a Dodge e Kitchin, Perkins (2009) escreve *Thinking about Maps* onde os autores traçam reflexões a respeito da filosofia e práticas do mapear contemporâneo, que destaca o papel do contexto no qual o mapa é elaborado e aplicado para entender seu sentido. Pensando nesse sentido, qual o contexto e papel das comunicações em rede na atualidade? Quais as particularidades que conferem aos mapas gerados e compartilhados nesses meios atributos únicos?

No contexto brasileiro temos as obras de Seemann (2003, 2005, 2012), que contribuem muito para discussão ao pensar em uma proposta de mapeamentos alternativos que desembocaria em uma Cartografia Social. O autor trabalha em artigo (2003) a questão da percepção mediada por mapas mentais transferidos para o papel,

⁴ Tradução própria, segue o texto original: "Critical, aesthetic and social uses of mapping in artistic endeavour reveal the subjective and personal emotive qualities and powers of using the map that are beyond science."



expondo o como o mapa “nunca é o ponto final, mas um estímulo muito poderoso para a memória e a construção da identidade” (SEEMANN, 2003, p. 10). Ao final, o autor conclui que: “ao estudar os mundos mentais das pessoas, não podemos impor categorias acadêmicas e artísticas, mas devemos interpretar os mapas como uma forma de comunicação.” (SEEMANN, 2003, p.12).

Do Canto (2014) nos apresenta um trabalho de experimentação de mapas por alunos de graduação, onde ressalta o uso e produção como processos indissociáveis no mapear contemporâneo, estamos a todo momento a inserir informações no mapa, alterando seu sentido e ressignificando o espaço. Prosseguindo com o pensamento crítico que estamos traçando, a autora aponta que:

[...] pensada apenas em sua dimensão informativa e comunicativa, a cartografia tem pouca chance de nos atravessar, de nos tocar, contaminar, formar e transformar. Enquanto que, tomada como expressão, arte, subversão, como prática social, ela torna muito mais possível a experiência e o saber da experiência (DO CANTO, 2014, p. 41)

Melo (2007), ao trabalhar a cartografia escolar, nos apresenta a questão da como se dá a legitimação do saber, ou seja "o que valida determinado saber para que ele não seja questionado perante a sociedade" (MELO, 2007, p. 41). Este saber, pode ter sua origem tanto numa *esfera sabia* (universidades) geralmente tido como legítimo, quanto na esfera do sistema escolar, nem sempre visto da mesma forma. Entre essas duas esferas, existe ainda a *noosfera*, intermediária entre ambas, responsável por selecionar quais saberes e como serão ensinados através da transposição didática (transferência do saber entre universidade e escola). O autor defende a validade do saber gerado socialmente nas escolas como complementar ao saber acadêmico, relação muito mais complexa do que uma simples oposição entre os dois saberes. Melo (2018) utiliza-se do termo “Cartografia Pluralista” para pensar diferentes perspectivas da cartografia na formação inicial em Geografia, termo que entendemos apropriado para nos referir aos mapas aqui tratados, pois valoriza as produções cartográficas de outras perspectivas que não a acadêmica ocidental.

Dadas as premissas de nossas concepções do mapear, e deixados alguns questionamentos, adentramos agora o recente contexto histórico do avanço da



informática e internet para tratar da democratização da cartografia e de algumas particularidades da rede.

Com a popularização dos meios de informação, a cartografia passou por uma revolução digital, qualquer pessoa com um computador pessoal e internet tem a possibilidade de produzir mapas (CRAMPTON; KRYGIER, 2008), uma democratização da cartografia (PERKINS, 2008). Perkins ainda afirma que essa democratização limitou o escopo das abordagens científicas que se tinha até então das pesquisas sobre os usos do mapa, pois:

A compreensão de mapas em termos de comunicação cartográfica, semiose ou representação científica se apoia na distância acadêmica e subestima a prática cotidiana.

Ao distanciar a pesquisa acadêmica da prática de mapeamento do mundo real, corremos o risco de perder o *zeitgeist*. As pessoas estão fazendo seus próprios mapas, e o uso diário de mapas é provavelmente mais comum agora do que em qualquer outro momento da história humana. Quase todo esse uso de mapas não foi pesquisado e está e além da ciência. (PERKINS, 2008, p. 151)⁵

As ferramentas que propiciam essa democratização ainda estão a demonstrar mudar a significação do mapear (PERKINS, 2008).

Uma dessas ferramentas podemos afirmar ser o processo de remixagem, comum aos vários tipos de conteúdos e linguagens gerados e disseminados na internet. Para Do Canto (2011 e 2014) e Almeida (2011), o processo de remixagem é uma forma de se fazer mapas na atualidade que se encontra no campo da "pós-produção" (LEIRIAS, 2012), ou seja, são criados a partir da manipulação de obras já em seus estágios finais. Segundo Do Canto, a remixagem ou

[...] os mashups de mapas foram impulsionados, principalmente, pela empresa Google, quando esta lançou, em 2005, o API (Application Programming Interface) do seu programa de mapas. Através desta interface de programação as pessoas puderam se apropriar dos produtos e códigos do Google Maps e combiná-los com

⁵ Tradução própria, segue o texto original: Understanding maps in terms of cartographic communication, semiosis, or scientific representation relies upon academic distance and underplays everyday practice. By distancing academic research from real world mapping practice, we risk missing the *zeitgeist*. People are making their own maps, and everyday map use is probably more common now than at any time in human history. Almost all of this map use is unresearched and beyond science.



outras fontes da web, ou, até mesmo, com novas ferramentas e conteúdos criados. (DO CANTO, 2014, p. 51)

Os materiais que nos propomos a analisar neste projeto não necessariamente utilizam-se de softwares próprios para criação de mapas, muitas vezes programas simples de edição de imagens são o suficiente para se gerar um mapa / meme a partir de sobreposições, recortes e desenhos. Na remixagem, mapas são elaborados a partir de elementos pré-existentes: informações, modelos e imagens, todos disponíveis para que seu autor selecione aquilo que quer mostrar com base em suas intencionalidades e subjetividades.

Esta forma do fazer cartográfico nos leva a pensar nos diferentes *modos cartográficos* (EDNEY, 1993), ou seja, um “conjunto de relações culturais, sociais e tecnológicas que determinam uma prática cartográfica particular... um campo múltiplo, constituído não por uma, mas por várias práticas cartográficas socialmente construídas” (DO CANTO, 2014, p. 21). Ao mesmo tempo em que esses diferentes modos cartográficos da atualidade podem abrir possibilidades para cada indivíduo melhor expressar suas diferentes espacialidades, ao estar inserido nessa lógica de compartilhamento e remixagem, a produção cartográfica individual pode estar sujeita a ser uma derivação de um conteúdo pré-existente, ou seja, estar sob influência de uma produção coletiva. Essa dinâmica pode ser explicada a partir da noção da dissolução da autoria.

Para Do Canto (2014), a evolução tecnológica que perpassa desde as câmeras fotográficas até ferramentas de produção de mapas propiciou com que:

[...] numa espécie de mistura híbrida de personificação (indivíduo) e automatização (máquina), pela primeira vez, sons e imagens produzidos tecnologicamente passaram a habitar nosso mundo e a borrar as marcas da autoria das criações humanas. (DO CANTO, 2014, p. 48)

O que se pode dizer é que o processo de replicação dos mapas nos ambientes virtuais é um exemplo disso dentro de uma lógica massiva de compartilhamento, pois na produção de conteúdo não há imagem criada do zero. Parafraseando Leirias (2012, p. 118) "Assiste-se ao rompimento da noção romântica de arte e do artista, este agora é um manipulador de signos, objetos, situações”.



Na última década da internet presenciamos a dominância de redes sociais, como grandes agregadores de conteúdo, em detrimento dos sites e blogs que eram mais presentes na década anterior. Esse conteúdo gerado assume as formas de áudio, vídeos, textos e principalmente imagens, todos sujeitos à lógica da remixagem. Outra forma de explicar essa lógica é a partir do *meme*.

O *meme* diz respeito a fragmentos culturais, ou a “pacotes de informação” como, posteriormente coloca Daniel Dennet (1998) apud Maia; Escalante (2014) as quais replicam e se redefinem constantemente conforme o ambiente sociocultural em que se inserem. Ao contextualizarmos o *meme* na atualidade, é possível afirmar que esse se dissemina a partir principalmente de imagens, fotos, vídeos, áudios e textos espalhados pela internet, geralmente visando o humor, o irreverente ou o absurdo, pois dessa forma seu potencial de compartilhamento é maior por se aproveitarem dos algoritmos das redes sociais, mas isso não diminui a capacidade de serem imagens carregadas de um poder retórico.

Sendo um pacote de informação, o *meme* chega ao indivíduo (observador, receptor) pelas diversas formas de mídia possíveis, que, a partir da sua interpretação e sua compreensão, o toma para si a partir de seus “próprios motivos e razões para transmitir tal informação. Isso requer adotar uma filosofia e passá-la adiante – é o momento em que o “meme” está se instalando em um novo cérebro para em seguida ser transmitido a outro” (SOUZA, 2013, p. 136). A partir do momento em que é adotado pelo indivíduo, este pode replicar o *meme*, compartilhando-o com outra pessoa ou não, é nesse processo que pode ocorrer a “mutação”, onde o autor do *meme*, por meio de sua subjetividade, adiciona camadas ao discurso ou ainda altera seu sentido, repetindo o ciclo. Para a compreensão do *meme*, é necessário uma base cultural capaz de desfragmentar o conjunto de informações nele contido.

Toda essa lógica e mecanismos descritos são aspectos dos ambientes virtuais que trespassam seus usuários. Dessa forma, há a possibilidade de atuarem na formação da subjetividade e das visões de mundo do indivíduo, na cultura.

Segundo a abordagem de Pinheiro (2013), existem duas maneiras de se processar o espaço ao nosso redor: a de “dentro para fora”, que diz respeito ao que

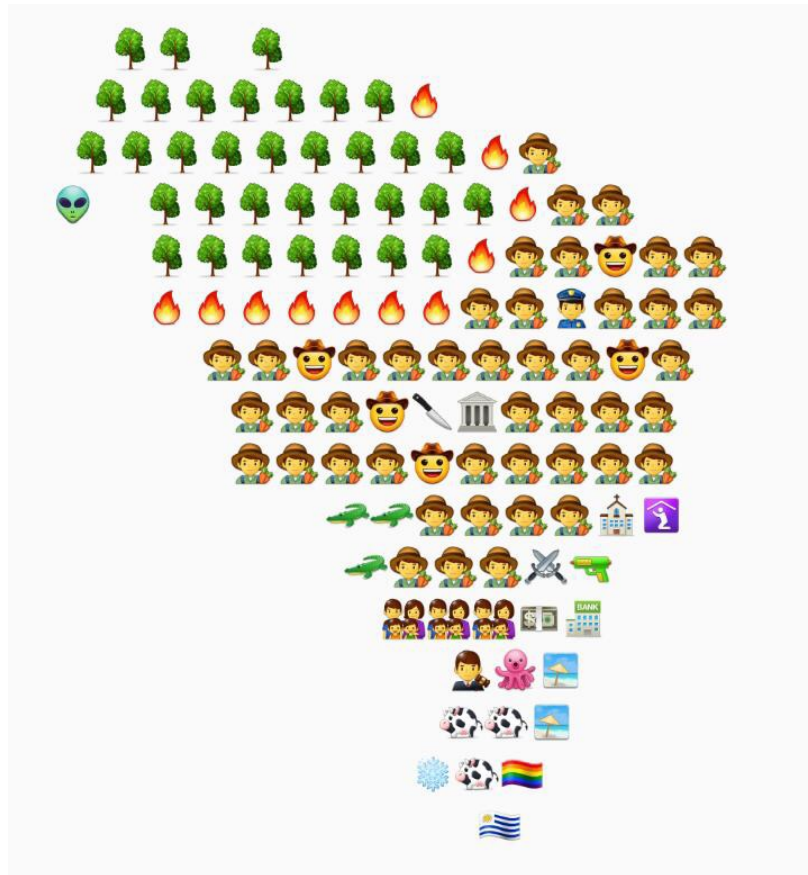


conhecimento pré-estabelecido sobre o ambiente e a de "fora para dentro" que frente ao desconhecido o indivíduo usa da percepção e dos sentidos para experienciar o espaço, o autor afirma que "Na maior parte dos casos, nossa percepção dos ambientes é resultado de alguma combinação desses dois processos ocorrendo simultaneamente em interação" (PINHEIRO, 2013, p. 46). Discursos que tratam do espaço, seja na forma de *memes* ou de mapas, são fortes incentivos ao desenvolvimento do conhecimento pré-estabelecido sobre o espaço, e, portanto, devem ser encarados perante uma perspectiva crítica, que compreenda a intencionalidade, subjetividade e as potencialidades por de trás dessas linguagens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos agora alguns dos mapas coletados a partir da pesquisa documental realizada em duas comunidades do site Reddit (uma rede social agregadora de fóruns, ou *subreddits*): a *r/MapPorn*, criada em 2012 e com atualmente 1,6 milhões de membros, e *r/MapPornCircleJerk* criada em 2013 e atualmente com 87,2 mil membros. A primeira diz respeito a uma comunidade que objetiva a criação e o compartilhamento dos mais diversos tipos de mapas, apresentando usos criativos das características de um mapa. Já a segunda, surge inicialmente como uma paródia da primeira, uma comunidade voltada principalmente para o humor, com mapas / *memes* que distorcem e subvertem as normas cartográficas. Buscaremos identificar o discurso por de trás dos usos criativos dessa cartografia, e assim traçar um diálogo com conceitos da geografia e da cartografia crítica, de forma a afirmar tais mapas como parte de um processo maior de democratização da cartografia.

Figura 1: Mapa de *emojis* do Brasil



Fonte: u/[deleted] (2019)⁶

Como primeiro exemplo, temos o "Mapa de *emojis* do Brasil", de autoria não identificável, uma vez que o usuário que primeiro postou a obra foi banido ou teve sua conta deletada do site, um exemplo da questão da dissolução da autoria, colocada por Do Canto (2014). Trata-se de um mapa do Brasil onde são utilizados de *emojis* para representar o país e suas diferentes características, a partir da visão subjetiva do autor. É possível notar, que apesar do aspecto inicialmente lúdico do mapa, esse traz consigo diversos discursos, perpetua narrativas, preconceitos e invisibiliza processos. Um mapa que se utiliza da irreverência de sua imagem para passar mensagens altamente problemáticas e distorcidas. Como alguns exemplos dessas narrativas enviesadas, temos: a presença da "família tradicional" no sudeste, enquanto que a bandeira LGBTQI+ é restrita ao estado do Rio Grande do Sul, a concentração do dinheiro no

⁶ retirado de https://www.reddit.com/r/MapPorn/comments/dhbphe/brazil_emoji_map/

estado de São Paulo, a presença das armas no estado do Rio de Janeiro, a inexistência de praias em todo a faixa costeira que não o sul do país, além da perpetuação de narrativas como a prisão do ex-presidente Lula em Curitiba e e a facada nas eleições de 2018. Apesar ser um mapa altamente problemático, que distorce a realidade em função de um discurso, o “Mapa de *emojis* do Brasil” cumpre sua missão comunicadora, de discurso para com o espaço, e portanto deve ser encarado criticamente como um mapa de fato.

Figura 2: Potenciais nomes para sair da União Europeia



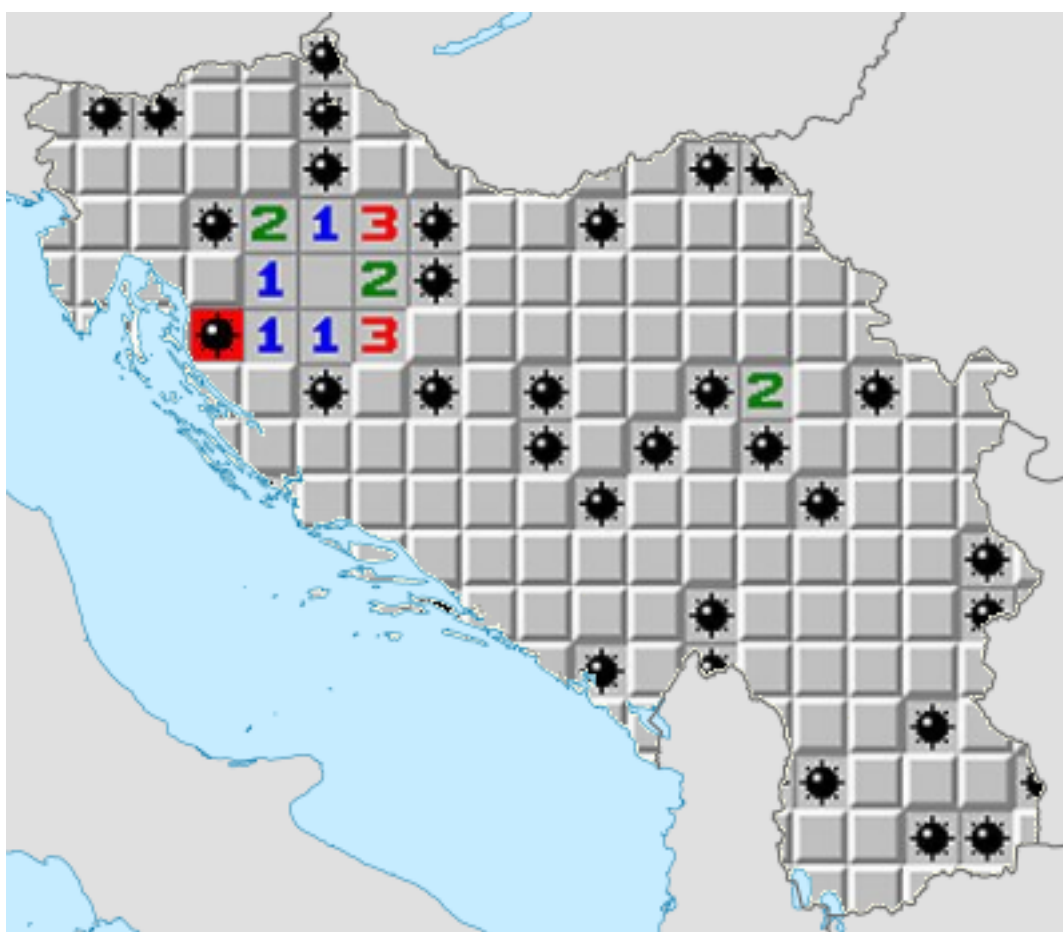
Fonte: u/bezzleford (2017)⁷

⁷ retirado de https://www.reddit.com/r/MapPorn/comments/5ow1z4/potential_eu_leaving_names_oc_698_x_720/



O mapa da figura 2, “Potenciais nomes para sair da União Europeia”, feito na época das principais discussões acerca do *Brexit*, propõe-se a imaginar qual o nome seria dado a processos semelhantes caso ocorressem em outros países da União Europeia. Tal qual uma charge, esse mapa ao extrapolar uma situação, estimula o debate sobre o assunto através do humor, que nesse caso advém do jogo de palavras e trocadilhos. É um mapa que deve ser entendido no contexto de seu tempo a partir de uma visão irônica da própria realidade, algo característico da linguagem e cultura dos *memes* na atualidade.

Figura 3: Mapa pós-guerra da Iugoslávia



Fonte:u/samovar_samopal (2018)⁸

⁸ retirado de https://www.reddit.com/r/mapporncirclejerk/comments/7u1lus/postwar_map_of_yugoslavia/



O “Mapa pós-guerra da Iugoslávia”, da figura 3, é uma obra que revela o potencial artístico dos mapas no campo da arte digital e manipulação de imagens. Ao sobrepor o mapa da Iugoslávia com o popular jogo campo minado, o autor se propõe a fazer uma crítica aos efeitos da guerra na região. A irreverência nesse caso, é alcançada ao se utilizar de uma referência da cultura pop como figura de linguagem para representar e denunciar uma situação real.

Figura 4: Mapa do mundo, porém eu preveni a Guerra Nuclear

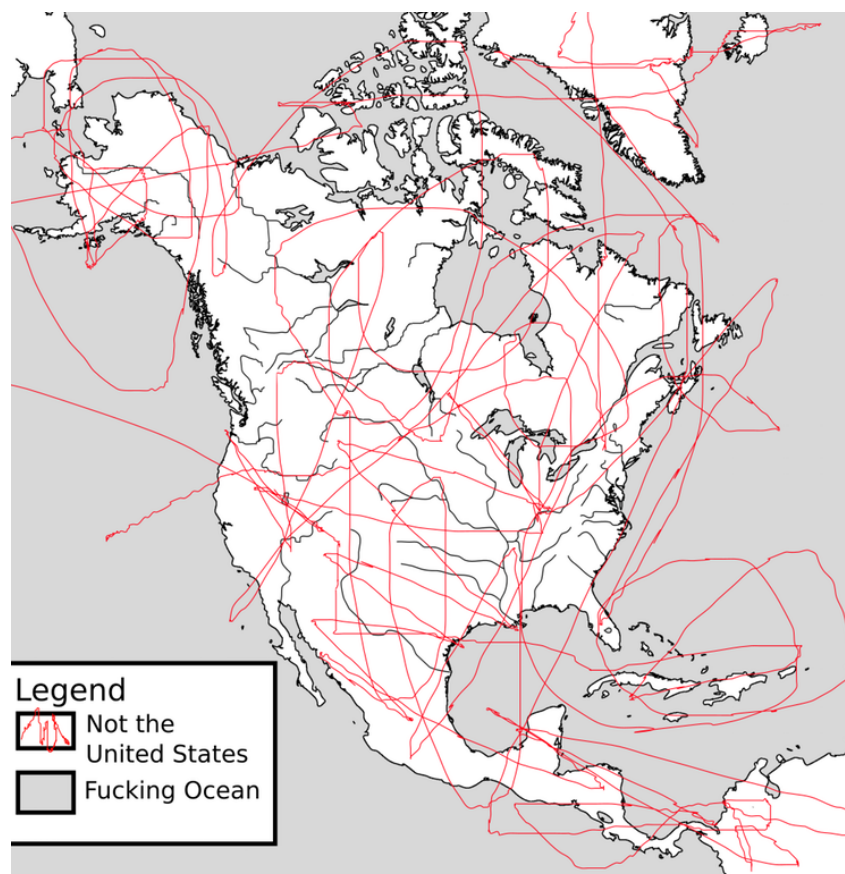


Fonte: u/y-nkh (2021)⁹

A figura 4 trata-se de um mapa do mundo, porém com algumas das grandes potências nucleares, Rússia, China, Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos, excluídas. Para o autor, a não existência desses países implicaria em um mundo livre de conflitos nucleares. É um mapa que parte de um exercício imaginativo simplista e irreal para provocar o humor e a reflexão sobre a questão nuclear. Não é um mapa que pode ser encarado objetivamente como factual, mas é necessário entender a subjetividade, a mensagem crítica e a possibilidade de futuro que seu autor quis passar.

⁹ retirado de: https://www.reddit.com/r/mapporncirclejerk/comments/p2fosl/map_of_the_world_but_i_prevented_nuclear_war/

Figura 5: Mapa dos Estados Unidos caso tivessem respeitado as populações nativas



Fonte: u/demsocij (2017)¹⁰

O “Mapa dos Estados Unidos caso tivessem respeitado as populações nativas” (figura 5), utiliza-se da legenda como forma de negação ao próprio mapa. Ao dizer que tudo o que está riscado em vermelho não seria os Estados Unidos, o mapa atua como forma de se marcar uma posição, como crítica ao processo colonial e como símbolo identitário. É uma obra com um viés de arte de protesto, e seu humor é desencadeado pelo descaso dado as formas e pela extrapolação da função da legenda.

¹⁰ retirado de https://www.reddit.com//mapporncirclejerk/comments/6mzv9o/map_of_the_united_states_if_it_respected_native/



Figura 6: *Official Polandball World Map 2020*



Fonte: u/polandballmod (2020)¹¹

¹¹ retirado de https://www.reddit.com/r/MapPorn/comments/kn47g1/official_polandball_world_map_2020/



A figura 6 trata-se do Mapa do mundo de 2020 oficial do *Polandball*, postado e criado coletivamente por seus usuários na comunidade *r/polandball* e repostado na comunidade *r/MapPorn*. O *Polandball* é uma série de *memes* onde os países assumem a forma de bolas com olhos, bocas e cores de suas respectivas bandeiras, para então serem colocados em situações cômicas que remetem aos seus respectivos processos históricos e relações diplomáticas. É um tipo de meme tão grande por si só a ponto de ter uma comunidade inteiramente dedicada, o *r/polandball*, criada em 2011 e atualmente com 601 mil membros. A comunidade por sua vez, uma vez por ano elabora coletivamente um mapa do mundo que apresenta os principais acontecimentos e narrativas de cada país.

O *Polandball* como um todo apresenta uma característica que é a antropomorfização do mapa, os países são humanizados para então serem colocados nas mais diversas situações, essa antropomorfização tem a função de viabilizar diálogos entre os países dentro da estrutura do *meme*. Esse processo é semelhante ao que Yves Lacoste (1929) coloca como o uso de “Geografismos”, ou seja “[...] metáforas que transformam em forças políticas, em atores ou heróis da história, porções do espaço terrestre [...]” (LACOSTE, 1929, p.63), uma prática errônea que parte de concepções generalistas e personalistas para descrever processos muito mais complexos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afim de contribuir com o debate, ao final dessa pesquisa será possível traçarmos algumas considerações a respeito das diferentes formas de mapear aqui expostas. Formas que se revelam a partir de uma integração cada vez mais complexa entre os meios virtuais, a cultura, a sociedade e a comunicação.

Figuras de linguagem trazem novas camadas aos discursos do mapa, decifráveis apenas a partir de uma percepção artística e cultural destes objetos. Isto permite que mapas expressem subjetivamente o espaço.



A internet, a cibercultura e a linguagem dos memes possibilitam o desenvolvimento descentralizado de mapas dos mais variados tipos: Dos *counter-mappings* até mapas que, em função da sua forma, pouco ou nenhum compromisso têm com as realidades dos fatos. Sendo, todos esses, discursos sobre o espaço.

Portanto, no processo de democratização da cartografia, é necessário analisar tais discursos a respeito do espaço com a seriedade que merecem, mesmo que ocultos por aspectos humorísticos e lúdicos dos mapas / memes. Também é de grande valor o entendimento de que sujeitos (não necessariamente cartógrafos ou geógrafos de formação) produzem cartografias a sua própria maneira.

Cartografias essas com potenciais múltiplos: podem contribuir tanto para a construção do conhecimento e a percepção de demandas sociais, quanto para a formação de identidades e como novas formas de expressão. Por outra via, podem potencializar a propagação de desinformação, de preconceitos e de rasos sentidos comuns.



REFERÊNCIAS

CANTO, Tânia Seneme do. **Práticas de mapeamento com as Tecnologias Digitais: para pensar a educação cartográfica na contemporaneidade**. 2014.

CRAMPTON, Jeremy W.; KRYGIER, John. **Uma introdução à cartografia crítica. Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, p. 85-111, 2008.

EDNEY, Matthew H. **Cartography without Progress: Reinterpreting the Nature and Historical Development of Mapmaking**. Cartographica: The International Journal for Geographic Information and Geovisualization, v. 30, n. 2-3, p. 54-68, 1993.

HARLEY, John Brian. **Deconstructing the map**. Cartographica: The international journal for geographic information and geovisualization, v. 26, n. 2, p. 1-20, 1989

LACOSTE, Yves. **A geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Papirus, 2005.

LEIRIAS, Ana Gabriela. **Novas cartografias on-line, arte contemporânea e outras geografias**. Geograficidade, v. 2, n. 1, p. 115-133, 2012.

MAIA, Alessandra; ESCALANTE, Pollyana. **Consumo de memes: Imagens técnicas, criatividade e viralização**. VIII Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo/SP, 2014.

MELO, Ismail Barra Nova de. **Proposição de uma cartografia escolar no ensino superior**. 2007.

MELO, Ismail Barra Nova de. **Múltiplas perspectivas da cartografia na formação inicial em geografia**. Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia, v. 16, n. 1, p. 268-279, 2018.

PERKINS, Chris. **Cultures of map use**. The Cartographic Journal, v. 45, n. 2, p. 150-158, 2008.

PINHEIRO, José Q. **Mapas cognitivos do mundo: representações mentais distorcidas?**. Geograficidade, v. 3, n. 1, p. 45-57, 2013.



SÁ-SILVA, Jackson Ronie; DE ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas.** Revista brasileira de história & ciências sociais, v. 1, n. 1, 2009.

SEEMANN, Jörn. **Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa.** OLAM- Ciência. & Tecnologia. Rio Claro, v. 3, n. 1, p. 200-223, 2003.

_____. **A aventura Cartográfica: Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a Cartografia Humana.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

_____. **Subvertendo a cartografia escolar no Brasil.** Revista Geografares, nº12, p.138- 174, Julho, 2012

SOUZA, Carlos Fabiano. **Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço.** VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/ RJ, v.15, n. 1, p. 127-148, jan./abr. 2013

WOOD, Denis. **Map art.** Cartographic Perspectives, n. 53, p. 5-14, 2006.